



Projeto Sobre.VIVER

Contributos de vítimas e sobreviventes de violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal

Relatório Estratégico para a Conferência Episcopal Portuguesa e Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal

FICHA TÉCNICA

Título:

Projeto Sobre.VIVER- Contributos de vítimas e sobreviventes de violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal. Relatório Estratégico para a Conferência Episcopal Portuguesa e Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal.

Autoria:

Grupo VITA – Grupo de acompanhamento das situações de violência sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal.

Revisão:

Vítimas e sobreviventes de violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal, que integram o Projeto Sobre.VIVER.

Referência sugerida:

Grupo VITA (2026). *Projeto Sobre.VIVER - Contributos de vítimas e sobreviventes de violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal. Relatório Estratégico para a Conferência Episcopal Portuguesa e Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa.

Design Gráfico e Paginação:

Teresa Menezes

Data da publicação:

Maio de 2026

MENSAGEM DO GRUPO VITA

O Projeto **Sobre.VIVER** nasceu de um compromisso simples e inegociável: **a voz das vítimas e sobreviventes deve ocupar um lugar central na construção de respostas éticas, eficazes e transformadoras** dentro da Igreja Católica em Portugal. Este relatório é, antes de mais, expressão deste compromisso inicial.

Ao longo dos últimos oito meses, escutámos pessoas que carregam histórias de dor profunda, mas também de coragem, lucidez e compromisso com a mudança. Cada contributo partilhado- em grupo ou individualmente - foi acolhido com respeito, cuidado e responsabilidade. O que aqui se apresenta resulta dessa escuta atenta e da confiança que nos foi depositada.

O projeto **Sobre.VIVER** não é apenas um espaço de partilha, é um **processo de participação ativa**, onde a experiência vivida se transforma em conhecimento útil, orientações práticas e propostas concretas. Este processo mostrou que a escuta, quando é segura e independente, não se limita a reconhecer o passado: **abre caminho para prevenir novos danos, reparar injustiças e fortalecer a responsabilidade institucional.**

A proteção de crianças, jovens e adultos vulneráveis exige transparência, coerência, formação rigorosa, supervisão contínua e práticas verificáveis. Exige também que a Igreja reconheça que a confiança só se reconstrói com gestos concretos, decisões consequentes e compromisso visível com a verdade e com a dignidade humana.

Este relatório é, por isso, um convite e um apelo.

Um convite à continuidade do caminho iniciado.

E um apelo à ação responsável, informada e corajosa.

A todas as pessoas que participaram no Projeto Sobre.VIVER- pela sua generosidade, pela sua verdade e pela sua disponibilidade para transformar dor em proposta- deixamos o nosso profundo reconhecimento. Este documento existe porque confiaram em nós. E terá impacto se as instituições que o recebem souberem honrar essa confiança.

O Grupo VITA reafirma o seu compromisso: **continuar a escutar, a aprender e a trabalhar para que a não repetição do dano seja uma realidade e não apenas uma intenção.**

Testemunhos de participantes do Projeto Sobre.VIVER

Agradeço profundamente ao Grupo VITA, nas pessoas da Dr.^a Alexandra Anciães e da Dr.^a Rute Agulhas, o seu acompanhamento durante estes três exigentes e longos anos, assim como a sua orientação no Grupo **Sobre.VIVER**. Fizeram-no exemplarmente, num contexto organizacional desafiante, e assumindo com imensa coragem uma missão exigente. Apesar da sua independência, foram quem nos prestou um serviço cristão- e à própria Igreja-, pois foram extremamente importantes ao cuidarem das pessoas numa fase final crítica, dura e desumanizada deste processo.

Aos companheiros do Grupo **Sobre.VIVER**, agradeço-vos o respeito, o acolhimento, a escuta e a tolerância pelo caminho de cada um de nós e do momento em que nos fomos encontrando. Foi extremamente enriquecedor e sanador caminhar convosco.

A todos e a cada um de vós, um enorme bem-hajam!

Verónica Atalaia (Pseudónimo)

Agradeço ao Grupo VITA, em especial à Dra. Rute Agulhas, pela resposta sempre imediata e presente ao longo deste processo. Com o projeto **Sobre.VIVER**, juntamente com a Dra. Alexandra Anciães, a quem também agradeço, criaram um espaço raro de humanidade — onde a escuta, o respeito e o acolhimento fizeram diferença. Num contexto marcado pelo silêncio institucional, este projeto foi uma presença firme: onde a dor foi respeitada, o silêncio acolhido, e a cura, devagar, começou a ser possível.

Aos companheiros do grupo, agradeço o respeito, a paciência e a coragem em cada encontro. Caminhar convosco foi um prazer e, acima de tudo, um momento especialmente importante e reparador neste percurso.

A todos, o meu profundo agradecimento e que este lugar continue a existir para quem, como eu, ainda dele precisa e para quem será essencial no futuro.

Domingos Sávio (Nome Fictício)

Testemunhos de participantes do Projeto Sobre.VIVER

Quando pensamos em abuso sexual na infância dentro da Igreja, é difícil explicar a profundidade das consequências que ficam na vida de uma pessoa. Porque não se perde apenas a segurança. Perde-se também a confiança, a inocência, a relação com o corpo, com os outros, com a fé e, muitas vezes, com Deus.

Quando o abuso acontece dentro da Igreja, a ferida torna-se particularmente complexa. O espaço que deveria representar cuidado, proteção e esperança passa também a carregar medo, silêncio e sofrimento. Aquilo que para muitas crianças era lugar de confiança espiritual transforma-se num lugar de ruptura interior profunda. E essa fragmentação acompanha-nos muito para além da infância.

O abuso não termina no momento em que acontece. Continua a viver dentro de nós durante anos. Nas memórias que regressam sem aviso. Na ansiedade constante. Na vergonha que nunca deveria ter existido. Na dificuldade em confiar. Na sensação de sermos feitos de fragmentos que passamos a vida inteira a tentar unir.

O abuso fragmenta a vida. Fragmenta a infância, a identidade, os afetos e a possibilidade de nos sentirmos inteiros. E sobreviver torna-se um trabalho invisível e profundamente exigente: tentar reconstruir alguma forma de continuidade interior com pedaços dispersos de memória, de confiança e de existência.

Durante muito tempo, achei que sobreviver significava apenas resistir. Hoje percebo que sobreviver também pode significar recuperar voz. Poder dizer a verdade. Recusar o silêncio. E transformar a dor em presença, consciência e humanidade.

Mas nenhuma reparação verdadeira será possível sem coragem para olhar a realidade de frente. As vítimas não precisam apenas de palavras de reconhecimento. Precisam de escuta séria, de responsabilidade concreta e de mudanças reais. Precisam que a Igreja escolha, sem ambiguidades, proteger crianças e cuidar das vítimas acima da preservação da própria imagem. Precisam de projetos como o **Sobre.VIVER**.

Só a verdade permite começar a reconstruir aquilo que o abuso fragmentou. Talvez nunca deixemos de carregar fissuras, mas acredito que é precisamente quando a verdade é assumida, quando o silêncio é quebrado e quando existe responsabilidade real, que pode voltar a existir espaço para dignidade, humanidade e esperança.

Miriam

O QUE SE PRETENDE COM ESTE RELATÓRIO?

Este relatório apresenta os contributos recolhidos no âmbito do Projeto Sobre.VIVER, transformando a experiência e a reflexão de vítimas e sobreviventes em orientações práticas, recomendações estratégicas e recursos aplicáveis. O objetivo é oferecer às instituições da Igreja Católica em Portugal um conjunto de **propostas claras, fundamentadas e operacionalizáveis**, capazes de reforçar a prevenção, melhorar os processos de reparação e promover maior responsabilização institucional.

Mais do que descrever problemas, este relatório procura **indicar caminhos concretos de mudança**, sustentados na escuta independente, na análise sistemática dos contributos e na convicção de que a participação das vítimas e sobreviventes é essencial para construir ambientes verdadeiramente seguros, transparentes e responsáveis.



ÍNDICE

■ Enquadramento do Projeto Sobre.VIVER	8
■ Recursos disponíveis	10
■ Principais contributos das vítimas e sobreviventes:.....	12
1. Prevenção	12
2. Seleção, formação e acompanhamento	13
3. Cultura institucional e exercício do poder	14
4. Reparação, encontros restaurativos e reconhecimento	15
■ Impacto do projeto	17
■ Recomendações estratégicas	18
■ Considerações finais	21

ENQUADRAMENTO DO PROJETO Sobre.VIVER

O Projeto **Sobre.VIVER** é uma iniciativa do Grupo VITA que se fundamenta nos princípios da **justiça restaurativa**, da intervenção informada pelo trauma e da **participação ativa e significativa** das vítimas e sobreviventes de violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal.

A justiça restaurativa, neste contexto, parte da compreensão de que o dano causado não é apenas um facto jurídico, mas uma experiência humana profunda, com impacto emocional, relacional, espiritual e comunitário. Por isso, procura criar condições para que as pessoas que sofreram violência possam **ser ouvidas, ver o seu sofrimento reconhecido, participar na definição das respostas e influenciar mudanças institucionais** que previnam a repetição do dano. Em vez de se centrar apenas na punição, a justiça restaurativa procura **restabelecer dignidade, reconstruir confiança, promover responsabilidade e gerar transformação** - tanto para as pessoas como para as instituições.

Neste espírito, e tendo também em conta as recomendações da Comissão Pontifícia para a Proteção de Menores, o Projeto **Sobre.VIVER** foi concebido não apenas como um espaço de partilha, mas como um **contexto de escuta estruturada**, cuidadosamente desenhado para transformar a experiência vivida em **conhecimento útil, orientações práticas e propostas concretas** que contribuam para melhorar os processos de prevenção, reparação e responsabilização dentro da Igreja. A metodologia utilizada privilegia a segurança emocional, o respeito pelos ritmos individuais, a validação da experiência e a criação de condições para que cada pessoa possa participar de forma livre e protegida.

A relevância do projeto assenta em três eixos complementares:

- 1. Acolher, legitimar e valorizar a voz das vítimas e sobreviventes**, reconhecendo o seu papel central na construção de respostas éticas e eficazes;
- 2. Traduzir essa voz em orientações claras e aplicáveis**, capazes de informar práticas institucionais, políticas públicas e processos de mudança cultural;
- 3. Contribuir para uma cultura mais protetora, transparente e responsável**, centrada na dignidade humana, na verdade e na não repetição do dano.

O Projeto **Sobre.VIVER**, dinamizado por dois elementos do Grupo VITA, iniciou-se em setembro de 2025 e integra um total de **25 participantes**, dos quais 12 participam regularmente nos encontros *online*, enquanto os restantes contribuem de forma individual através de reflexões escritas e propostas temáticas. Os encontros são mensais, realizados em horário pós-laboral, e cada sessão é organizada em torno de um tema específico de reflexão, previamente definido para permitir aprofundamento e continuidade.

O modelo de funcionamento assenta em quatro princípios estruturantes: **voluntariedade, confidencialidade, liberdade de desistência a qualquer momento e criação de um ambiente emocionalmente seguro**. Estes princípios garantem que cada pessoa participa ao seu ritmo, com respeito pelos seus limites e necessidades, e que o espaço de trabalho coletivo se mantém ético, protegido e coerente com uma abordagem informada pelo trauma.

Ao longo do percurso, foram recolhidos contributos sobre temas como prevenção, encontros com representantes da Igreja, apoio a familiares e amigos, e sugestões de áreas prioritárias de intervenção futura.

A metodologia adotada permitiu não apenas recolher testemunhos, mas **organizar e transformar esses contributos em orientações operacionais concretas**, incidindo sobre aspetos essenciais da vida eclesial e comunitária, tais como:

- **organização dos espaços físicos** onde decorrem atividades pastorais;
- **formação e capacitação de agentes eclesiais;**
- **regras de convivência e proteção de crianças e jovens;**
- **diretrizes para encontros restaurativos;**
- **recursos de apoio para familiares e amigos** das vítimas e sobreviventes.

Este processo estruturado de escuta e sistematização permitiu construir um corpo de conhecimento sólido, coerente e aplicável, que reflete a experiência vivida pelas pessoas participantes e aponta caminhos concretos para a **prevenção, reparação e responsabilização** no contexto da Igreja.

RECURSOS DISPONÍVEIS

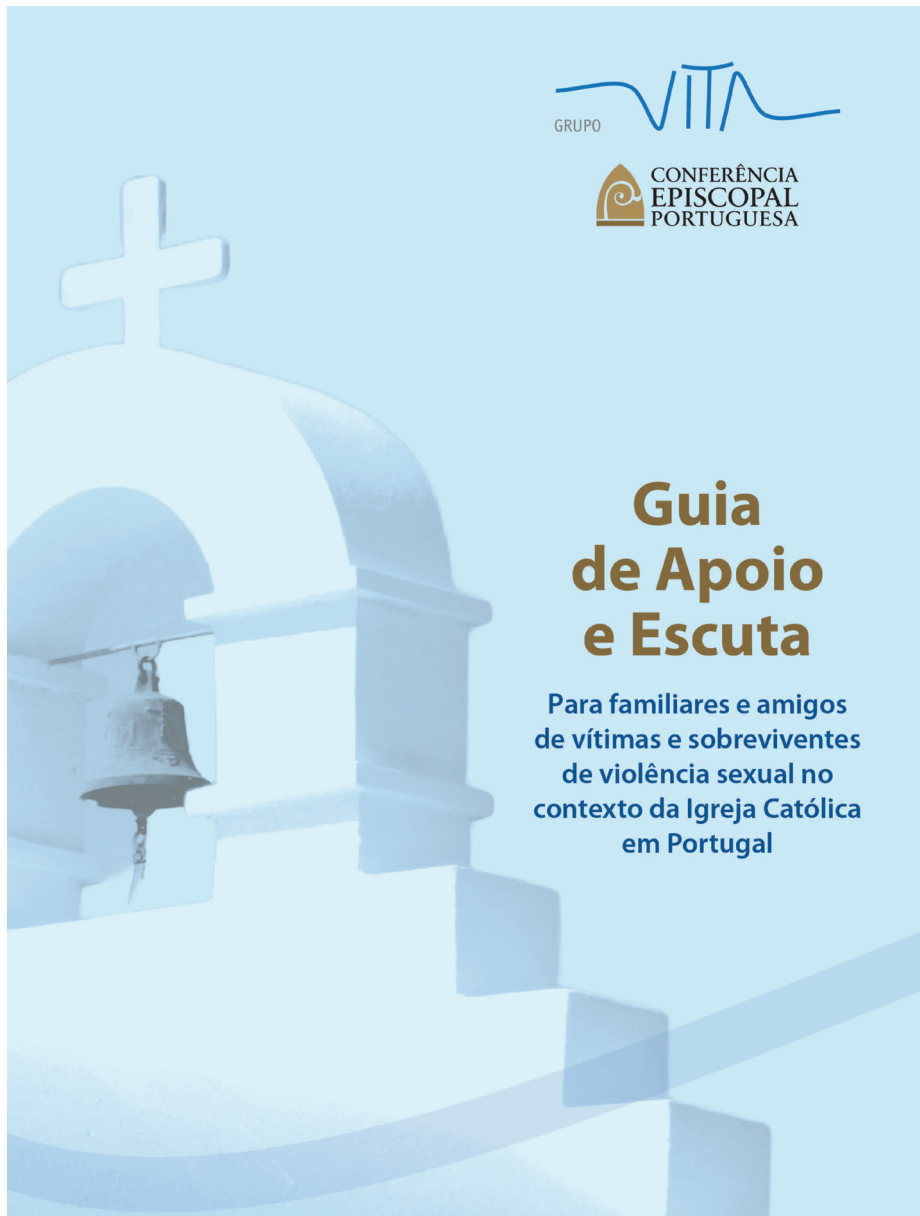
Do trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto Sobre.VIVER resultaram **dois materiais estruturados de especial relevância**¹, concebidos a partir das reflexões do grupo e dos contributos individuais recolhidos ao longo do processo:

Diretrizes para encontros entre vítimas e sobreviventes e representantes da Igreja, que estabelecem orientações práticas sobre como preparar, conduzir e acompanhar estes momentos. Incluem princípios como consentimento informado, preparação prévia cuidada, escolha adequada do local, postura e responsabilidade dos representantes da Igreja, confidencialidade e seguimento pós-encontro, garantindo que estes processos decorrem de forma ética, segura e respeitosa.



¹ Disponíveis para serem descarregados, gratuitamente, em www.grupovita.pt

Guia de apoio e escuta para familiares e amigos, centrado na importância de escutar sem julgamento, acreditar no relato, evitar culpabilização, respeitar limites, e oferecer apoio seguro e informado. Este guia procura capacitar as redes de proximidade para desempenharem um papel protetor e reparador.



Estes recursos demonstram que o projeto não se limitou ao acolhimento individual das experiências. Pelo contrário, produziu instrumentos com utilidade prática, capazes de orientar decisões institucionais, estruturar procedimentos e reforçar respostas preventivas e reparadoras no contexto da Igreja. Representam, assim, um contributo concreto para a transformação institucional e para a construção de uma cultura mais responsável, protetora e centrada na dignidade humana.

PRINCIPAIS CONTRIBUTOS DAS VÍTIMAS E SOBREVIVENTES

Os contributos recolhidos revelam uma **elevada consistência interna** e uma clara **convergência em torno de prioridades comuns**. Não se trata de sugestões dispersas ou opiniões isoladas, mas de um **corpo articulado de recomendações**, enraizado na experiência vivida, na observação direta dos riscos e na identificação precisa dos fatores que promovem segurança ou, pelo contrário, perpetuam vulnerabilidade. Esta coerência demonstra que as pessoas participantes reconhecem, de forma muito semelhante, os pontos críticos que exigem mudança e os elementos essenciais para construir ambientes verdadeiramente protetores e responsáveis.

1. Prevenção

Em matéria de prevenção, os participantes defendem uma **abordagem sistémica, visível e coerente**, que ultrapassa a lógica da boa vontade individual. A proteção é entendida como o resultado de **regras claras, estruturas verificáveis e ambientes que reduzam oportunidades de secretismo**, assegurando que a segurança das crianças, jovens e pessoas vulneráveis não depende de fatores informais ou imprevisíveis.

- **Primazia da transparência nos espaços e nas relações:** adoção de políticas de porta aberta, utilização de portas ou janelas de vidro, eliminação de zonas isoladas ou sem visibilidade e criação de ambientes que desencorajem qualquer forma de ocultação.
- **Evitamento de interações a sós entre um adulto e uma criança, jovem ou pessoa vulnerável:** sempre que possível, privilegiar a presença de dois adultos responsáveis, bem como contextos grupais que permitam supervisão mútua e reduzam riscos.
- **Definição explícita de códigos de conduta acessíveis e escritos:** documentos claros, conhecidos por todos, que indiquem comportamentos adequados, proibidos e a evitar, garantindo critérios uniformes e não dependentes de interpretações individuais.
- **Criação e melhoria de canais de denúncia funcionais e credíveis em cada Diocese e Congregação Religiosa:** mecanismos acessíveis, com regras claras de encaminhamento, prazos de resposta e garantias de proteção para quem denuncia, assegurando que a informação não se perde nem é bloqueada.

A prevenção surge, assim, como uma **responsabilidade institucional e comunitária**, e não apenas pessoal.

De forma reiterada, os contributos sublinham que a comunidade deve assumir um papel ativo de **vigilância, questionamento e proteção**, recusando a ideia de que a segurança das crianças e jovens possa ser remetida para esferas privadas, informais ou opacas. A cultura preventiva exige participação coletiva, transparência e compromisso contínuo.

2. Seleção, formação e acompanhamento

O **recrutamento seguro** é identificado como o primeiro e mais decisivo passo para a criação de ambientes protetores. Os participantes defendem critérios claros e uniformes para a seleção de todas as pessoas que trabalham com crianças, jovens e adultos vulneráveis. Isto inclui **verificação de antecedentes, análise de motivações, entrevistas estruturadas, avaliação de competências relacionais e compromisso explícito com códigos de conduta**. O objetivo é prevenir riscos antes de estes se materializarem, garantindo que apenas pessoas adequadas, preparadas e supervisionadas assumem funções de responsabilidade.

A formação é apresentada como uma **medida estrutural, obrigatória e contínua**, dirigida não apenas ao clero, mas também a leigos, agentes pastorais, consagrados, voluntários e todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, têm contacto com crianças e adultos vulneráveis. É entendida como um pilar essencial para criar ambientes seguros, prevenir riscos e garantir respostas competentes.

- **Conteúdos sugeridos:** ética e responsabilidade, limites relacionais, noções fundamentais sobre trauma e impacto da violência, princípios de recrutamento seguro, sinais de alerta, formas adequadas de escuta, protocolos de denúncia e procedimentos de atuação perante suspeitas ou revelações.
- **Atualização periódica e avaliação contínua:** a formação deve incluir momentos regulares de reciclagem, simulações práticas, análise de casos reais (anonimizados) e revisões sistemáticas das práticas adotadas, assegurando que o conhecimento se mantém atual, aplicável e alinhado com padrões internacionais de proteção.
- **Integração entre formação teológica, humana e psicológica:** defende-se uma abordagem que articule dimensões espirituais, relacionais e emocionais, evitando leituras exclusivamente espiritualizadas do sofrimento ou da violência e promovendo uma compreensão mais completa das dinâmicas de risco.
- **Avaliação psicológica e acompanhamento regular:** recomenda-se a realização de avaliação psicológica antes da entrada no seminário e a existência de acompanhamento contínuo ao longo do percurso formativo e ministerial, como medida preventiva, de autoconsciência e de supervisão ética.

Este eixo evidencia uma expectativa clara: a Igreja deve dotar-se de **critérios mais exigentes de seleção, supervisão e capacitação**. A prevenção eficaz depende de **competências concretas, de autoconsciência, de supervisão regular, de recrutamento seguro** e de uma compreensão adequada das **dinâmicas do abuso, do poder e da manipulação**, garantindo que quem exerce funções pastorais o faz com responsabilidade, maturidade e preparação adequada.

3. Cultura institucional e exercício do poder

As vítimas e sobreviventes associam os contextos de abuso não apenas a comportamentos individuais, mas também a **formas específicas de organização institucional** que criam condições para que o abuso ocorra e permaneça oculto. A **estrutura hierárquica vertical**, a **solenidade excessiva**, o **distanciamento entre clero e fiéis**, a **opacidade nos processos internos** e a **sacralização da autoridade** são identificados como fatores que dificultam a denúncia, inibem a contestação e favorecem a impunidade. Estes elementos, quando combinados, produzem ambientes onde o poder não é escrutinado e onde a vulnerabilidade se intensifica.

- **Redução das distâncias hierárquicas e humanização da comunicação institucional:** promover relações mais próximas, acessíveis e transparentes, diminuindo barreiras simbólicas que desencorajam a expressão de dúvidas, críticas ou pedidos de ajuda.
- **Reconhecimento de que o problema não se limita ao abuso de natureza sexual:** incluir de forma explícita o **abuso de poder** e o **abuso de consciência**, frequentemente invisibilizados, mas profundamente destrutivos e facilitadores de outras formas de violência.
- **Valorização de uma maior presença e intervenção de mulheres em contextos eclesiais:** entendida como fator de equilíbrio e diversidade de perspectivas.
- **Rejeição absoluta de qualquer cultura de ocultação, minimização ou adiamento de decisões:** sublinhando que a transparência e a ação célere são condições indispensáveis para restaurar confiança e prevenir novas situações de risco.

Neste domínio, o Projeto Sobre.VIVER revela-se particularmente relevante porque **transforma críticas difusas em propostas concretas e operacionais**. Os participantes não pedem apenas uma mudança de linguagem ou de tom; pedem uma **mudança de paradigma**, de práticas e de condições institucionais de exercício da autoridade. O que emerge é um apelo claro a uma Igreja mais responsável, mais escrutinável e mais alinhada com a dignidade humana e a proteção efetiva das pessoas vulneráveis.

4. Reparação, encontros restaurativos e reconhecimento

A reparação é descrita pelas vítimas e sobreviventes como uma realidade **muito mais ampla do que a compensação financeira**. O que emerge com maior força é a necessidade de **reconhecimento claro do dano**, de **escuta genuína**, de **pedidos de perdão sem defensividade** e de **encontros cuidadosamente preparados**, sempre centrados na vítima ou sobrevivente. A reparação é entendida como um processo relacional, ético e transformador, que exige responsabilidade e preparação, e não apenas gestos simbólicos.

- **Escolha de locais neutros e não intimidatórios:** espaços sem carga simbólica ou hierárquica, definidos em função do conforto e da segurança emocional da vítima ou sobrevivente.
- **Preparação prévia rigorosa dos encontros:** trabalho antecipado com ambas as partes – vítima ou sobrevivente e representante da Igreja - incluindo clarificação de objetivos, definição de limites, identificação de necessidades e explicitação dos apoios disponíveis antes, durante e após o encontro.
- **Presença de mediação externa qualificada:** profissionais com formação em trauma e experiência em contextos restaurativos, capazes de equilibrar dinâmicas de poder, prevenir discursos revitimizantes e assegurar que o processo decorre de forma ética e segura.
- **Rejeição de encontros instrumentalizados:** recusa de processos concebidos sobretudo para proteger a imagem institucional, acelerar procedimentos ou produzir efeitos comunicacionais sem verdadeira assunção de responsabilidade.

Este eixo confirma que, para ser eticamente legítima, a justiça restaurativa deve ser **preparada, voluntária, segura e consequente**. Quando estas condições estão presentes, os participantes reconhecem um **potencial reparador real**. Quando não estão, o encontro pode transformar-se num **novo fator de sofrimento**, reforçando a importância de rigor, cuidado e responsabilidade em cada etapa do processo.

Em síntese...

Eixo	Síntese dos contributos	Finalidade implícita
Prevenção	Regras claras, transparência, supervisão ativa e canais de denúncia funcionais.	Reduzir riscos, quebrar o secretismo e impedir oportunidades de abuso.
Formação	Capacitação obrigatória, contínua, avaliada e articulada com princípios de recrutamento seguro.	Dotar agentes de competências, limites e critérios éticos consistentes.
Cultura institucional	Menos verticalidade, mais responsabilização, escrutínio e participação.	Diminuir assimetrias de poder e eliminar práticas de ocultação.
Reparação	Escuta genuína, reconhecimento do dano, pedido de perdão responsável e mediação qualificada.	Promover respostas reparadoras, seguras e não retraumatizantes.

IMPACTO DO PROJETO

O Projeto **Sobre.VIVER** tem produzido impacto em **quatro planos complementares**, que se reforçam mutuamente: validação subjetiva das vítimas e sobreviventes; produção de recomendações concretas; construção de recursos aplicáveis, e reforço da confiança no Grupo VITA enquanto estrutura independente e credível.

- **Validação e empoderamento:** o projeto tem permitido a transformação da experiência pessoal em participação ativa, reflexão crítica e propostas concretas. Muitas vítimas e sobreviventes relatam sentir-se finalmente reconhecidos, legitimados e parte de um processo com sentido.
- **Utilidade prática:** os contributos recolhidos são sistematizados em guias, diretrizes e recomendações operacionais, com potencial de implementação institucional imediata, nomeadamente em áreas como prevenção, formação, encontros restaurativos e apoio a familiares.
- **Mediação ética e independente:** o Grupo VITA tem vindo a ser reconhecido como um espaço de escuta isento, tecnicamente preparado e emocionalmente seguro, condição essencial para que muitos participantes aceitem aproximar-se deste processo e partilhar contributos sensíveis.
- **Continuidade e vínculo:** o projeto gerou uma expectativa de seguimento, e não apenas de intervenção pontual. Para muitos participantes, a existência de continuidade- e de um compromisso institucional claro- é parte integrante da reparação e da confiança construída.



RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS

A partir da análise dos contributos recolhidos, formulam-se as seguintes **recomendações estratégicas**. Estas recomendações não visam apenas manter o que já existe- apontam para uma **consolidação qualitativa** e para o aprofundamento do caminho iniciado.

1. Consolidar o Projeto Sobre.VIVER como espaço permanente de escuta e participação

O projeto **Sobre.VIVER** demonstra que a participação de vítimas e sobreviventes gera conhecimento de elevada utilidade institucional. Recomenda-se a continuidade do projeto como espaço estável de auscultação, consulta e coprodução de recursos, com calendarização previsível e condições de participação segura.

- Manter sessões de grupo e modalidade de contributo individual.
- Criar mecanismos de devolução aos participantes sobre o destino e utilização dos seus contributos.
- Avaliar periodicamente temas prioritários: prevenção, reparação, apoio a familiares, formação e outros.

2. Implementar orientações - não apenas produzi-las

As diretrizes já elaboradas constituem um ativo relevante. Contudo, o seu valor depende da tradução em procedimentos verificáveis. Recomenda-se que os materiais produzidos sirvam de base à definição de normas de atuação, formação e acompanhamento dentro das estruturas eclesiais.

- Adotar as diretrizes para encontros como referência mínima para qualquer iniciativa desta natureza.
- Difundir o guia para familiares e amigos em contextos pastorais, educativos e comunitários.
- Criar indicadores simples de implementação e mecanismos de revisão periódica das práticas.

3. Reforçar a formação, supervisão e avaliação

A prevenção exige que a formação deixe de ser episódica ou meramente declarativa. Os contributos apontam para uma formação obrigatória, renovada, avaliada e acompanhada por supervisão, com atenção às condições psicológicas e relacionais de quem exerce funções.

- Definir planos anuais de formação para clero, leigos e agentes pastorais.
- Integrar conteúdos sobre trauma, abuso de poder, escuta, ética do cuidado e gestão de limites.
- Considerar a importância da avaliação psicológica e acompanhamento continuado em contextos de formação e ministério.

4. Reforçar coerência institucional e qualidade do seguimento

As reflexões mostram que a maior fonte de frustração não é apenas o passado abusivo, mas também a perceção de respostas presentes insuficientes, desiguais ou vagas. A credibilidade institucional depende da capacidade de assegurar padrões mínimos de coerência, linguagem e seguimento, independentemente da Diocese ou da pessoa interlocutora.

- Definir princípios comuns para acolhimento, reconhecimento, pedido de perdão institucional e seguimento pós-encontro.
- Evitar mensagens ambíguas, adiamentos indefinidos e ausência de retorno individual. Assumir que a qualidade da resposta presente influencia diretamente a possibilidade de reparação futura.

Em síntese...

Recomendação	Objetivo prático	Efeito esperado
Continuidade do Grupo VITA	Preservar independência, estabilidade e confiança.	Reforço da credibilidade institucional e da segurança percebida.
Consolidação do Sobre.VIVER	Manter um espaço seguro, estável e participativo.	Produção continuada de conhecimento, orientações e contributos qualificados.
Implementação das diretrizes	Traduzir materiais em procedimentos verificáveis.	Maior coerência, transparência e uniformidade nas práticas.
Formação e supervisão	Capacitar agentes, definir limites e reduzir risco.	Prevenção mais robusta e respostas mais competentes e éticas.
Seguimento uniforme	Garantir retorno claro, acompanhamento e responsabilização.	Menor frustração, maior confiança e maior potencial reparador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto **Sobre.VIVER** demonstrou, ao longo do seu percurso, que a participação estruturada de vítimas e sobreviventes é não apenas possível, mas indispensável para qualquer processo sério de transformação institucional. A qualidade, consistência e profundidade dos contributos recolhidos revelam que existe um conhecimento experiencial capaz de orientar políticas, corrigir fragilidades e fortalecer práticas de prevenção, reparação e responsabilização dentro da Igreja Católica em Portugal.

Os testemunhos e reflexões apresentados ao longo deste relatório mostram que **a escuta, quando é segura, independente e tecnicamente preparada, produz conhecimento acionável**. Mostram também que a confiança não nasce de declarações, mas de coerência, continuidade e compromisso visível. A Igreja é chamada a reconhecer que a proteção de crianças, jovens e adultos vulneráveis exige **estruturas estáveis, procedimentos verificáveis, formação rigorosa, supervisão contínua e respostas institucionais uniformes**, independentemente da Diocese, da Congregação ou da pessoa interlocutora.

O Projeto **Sobre.VIVER** evidenciou igualmente que a reparação não se esgota em gestos simbólicos ou compensatórios. Requer **reconhecimento claro do dano, pedidos de perdão responsáveis, preparação rigorosa dos encontros e mediação qualificada**, evitando qualquer forma de revitimização. A justiça restaurativa só é eticamente legítima quando é preparada, voluntária, segura e consequente.

As recomendações estratégicas apresentadas neste relatório apontam para um caminho de **consolidação qualitativa**: continuidade do Grupo VITA enquanto estrutura independente; estabilização do Projeto Sobre.VIVER como espaço permanente de participação; implementação efetiva das diretrizes produzidas; reforço da formação e supervisão, e garantia de seguimento uniforme e responsável. Estes passos não representam apenas melhorias técnicas - representam um compromisso ético com a verdade, com a dignidade humana e com a não repetição do dano.

O futuro deste trabalho dependerá da capacidade das instituições eclesiais **de assumir estas recomendações como parte integrante e sustentável da sua missão**. A credibilidade da Igreja, a confiança das comunidades e a segurança das pessoas vulneráveis serão tanto mais fortes quanto mais claras forem as práticas, mais transparentes os processos e mais consequentes as decisões - e quanto maior for a capacidade de garantir que estas mudanças não são episódicas, mas estruturais e duradouras.

O projeto **Sobre.VIVER** mostra que é possível construir um espaço onde a dor encontra reconhecimento, onde a experiência se transforma em proposta e onde a participação gera mudança. Para que este caminho tenha impacto real, é essencial assegurar **sustentabilidade institucional**: continuidade dos processos, estabilidade das estruturas, recursos adequados e compromisso visível com a não repetição do dano.

Cabe agora às instituições destinatárias deste relatório **dar continuidade, profundidade, consequência e sustentabilidade** ao caminho iniciado, garantindo que o que foi construído não se perde, mas se consolida como parte permanente de uma cultura mais responsável, mais protetora e mais alinhada com a dignidade humana.





**Da coragem de cada voz nasce
a possibilidade real de não repetir o dano.**

Grupo VITA